

À margem da sementeira

Barbosa Lima Sobrinho *

Quando escrevi este artigo, estão chegando as primeiras notícias do pleito de 15 de novembro. Ainda não é possível chegar a conclusões definitivas entre os candidatos que estão à frente da apuração, sobretudo quanto ao segundo e terceiro lugar, entre Lula e Brizola. Confesso que votei em Ulysses Guimarães, por força de vínculos antigos que de certo modo nos identificaram. Não podia esquecer a campanha que fizemos juntos, em 1974, quando encontrava, dentro de mim, a impressão dos maravilhosos discursos que ele pronunciava, no que se veio a chamar campanha dos anticandidatos, ainda na fase da luta pela restauração da democracia e do retorno ao estado de direito. Embora tivesse a suspeita de que o eleitorado não pudera esquecer ainda o voto pelos cinco anos da presidência de José Sarney. Não direi que o eleitor é instável, quando já fiz a experiência de que ele exerce o seu direito de cidadão pensando mais no futuro do que no passado, ou, pelo menos, no presente. O passado já foi para o cesto das coisas esquecidas. Quem não recorda o episódio do velho Churchill, no primeiro pleito depois da guerra que ele acabara de vencer?

De volta da secção em que fora parar, impressionado com a alegria popular que irradiava de todos os presentes, não pude escapar à recordação da campanha dos anticandidatos, em 1974, quando ainda vivíamos aquela atmosfera de restrições à manifestação da vontade popular. Fui testemunha dos vibrantes discursos que Ulysses Guimarães pronunciou, nos 16 estados percorridos, no primeiro movimento de contestação ao regime instalado com o golpe militar de 1964. Já afastado inteiramente da vida política, relutei em aceitar o convite para a chapa que o Movimento Democrático Brasileiro apresentava, não para disputar um pleito que não existiria, num Colégio Eleitoral preparado, exatamente, para essa função de homologação de candidaturas que não conhecia. Era ainda aquela fase do bipartidarismo, instalado no governo do marechal Castelo Branco, em obediência a um decreto do próprio governo. Estava também decidido a

não retornar à atividade política. Mas confesso que me parecia indispensável alguma coisa que pudesse valer como contestação ao regime autoritário instalado no Brasil. Para isso iria valer a apresentação de anticandidatos, que conquistariam o direito de fazer críticas ao regime, quando se poderia argüir que seria esse o meio de contestar as candidaturas militares já apresentadas. Não havia outro meio para fazer críticas, que precisavam ser feitas. Nem para exercer os direitos de opinião longe da censura oficial. Valia a pena aceitar a oportunidade que assim nos era oferecida. De certo não havia nenhuma possibilidade de êxito para os anticandidatos. Tudo já estava decidido e consolidado. O presidente e o vice-presidente já estavam praticamente escolhidos pelo Colégio Eleitoral. Tudo se resumia a uma campanha de perdedores: como numa partida de futebol, em que os disputantes entrassem em campo com um placar já definido. Por isso, quando Tancredo Neves, em nome do MDB, procurou saber de minha decisão final, não pude deixar de lhe responder com uma pergunta:

— Tancredo, como é possível recusar um convite de tão absoluta gratuidade?

Por isso mesmo, quando falavam em candidatos, não podia deixar de protestar:

— Não somos candidatos a nada. Somos apenas contestantes de um regime que marginalizou o povo, na escolha do presidente da República.

E não foi por outra razão que considerei os nossos comícios como os primeiros que se realizaram em prol das Diretas-já, alguns anos depois. Na verdade, só tínhamos o direito de falar em recintos fechados, quase sempre no recinto das Assembleias Legislativas dos estados. Nada de rádio, muito menos de televisão. Mas a contestação valia por si mesma, por ser contestação. Só uma vez tivemos um comício em praça pública, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, graças ao prestígio pessoal do então deputado Henrique Alves, que reuniu alguns milhares de eleitores para conhecer os anticandidatos.

Tive a impressão de alguma cena de surrealismo. Uma multidão de eleitores

reunidos para não votar e para ouvir candidatos que também não eram candidatos. Mas confesso que valeu a pena. Eu já tinha, naquele momento, 77 anos de idade, mais 20 do que Ulysses Guimarães. E pela primeira vez, como esportista aposentado, pude verificar como era difícil subir num caminhão, que ia nos servir de palanque, puxado pelos que já estavam dentro dele, e empurrados pelos que haviam ficado de fora. E acabei vencendo a minha emoção, naquele novo contacto com a multidão, depois de tantos anos afastado da vida política. Nem me lembro mais se fui aplaudido. Na verdade, meu papel era restrito, com o exemplo de um homem velho, havia muito fora das lutas políticas. Creio que parecia mais um professor, que deixava a eloquência para o seu companheiro, um grande orador, inspirado num sentimento de luta que não tinha fim. Com que sinceridade vibrava eu com os discursos de Ulysses Guimarães e os aplaudia com os mesmos sentimentos da multidão que nos ouvia!

Os resultados eleitorais compensaram de sobre esse trabalho desinteressado. Foram eleitos 16 senadores pelo MDB, 14 deles nos 16 estados que haviam sido percorridos. E fico a pensar se as grandes vitórias das Diretas-já não foram, também, o resultado desse esforço dos anticandidatos. Para que se veja que o que realmente importa é o espírito de luta. É a manifestação da inconformidade.

No fundo, foi um trabalho de sementeira. As sementes estavam lançadas. O resultado viria muito mais tarde, na alegria dos votantes que se dirigiam para as secções eleitorais, para votar no candidato de sua predileção, com o entusiasmo que devia corresponder a uma cidadania reconquistada. E tive vontade de bater palmas. Em homenagem a Ulysses Guimarães, o grande sementeiro. Que importava agora acompanhar os votos que estava recebendo? Seu papel e sua função já estava incorporada à história política do Brasil. Mais do que um eleito, fora o grande sementeiro que se fizera presente, no pleito atual, para lhe dar significação e grandeza, com os seus discursos inesquecíveis.

* Jornalista, escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, presidente da Associação Brasileira de Imprensa